

# Três Notícias Sobre o Imperador Juliano: Amiano Marcelino, Libânio e São Gregório de Nazianzo<sup>1</sup>

---

*Margarida Maria de Carvalho*

## *Abstract*

*I intend to show here some points of view of Amiano Marcelino, Libânio e São Gregório de Nazianzo on the Emperor Julian. In the same time I would like to introduce some ideas about the last two authors whose speeches we have only in the present days in Brazil.*

Em junho de 363 o Imperador Juliano, polêmico devido às suas ações políticas, religiosas e administrativas, morreu em uma batalha contra os Persas, deixando as marcas de sua personalidade e comportamento na História do Baixo Império.

Muitos autores dessa época escreveram sobre sua vida e atitudes; uns louvando-o, como Amiano Marcelino e Libânio de Antioquia. Outros, criticando-o como fez São Gregório de Nazianzo<sup>2</sup>.

Faz-se necessário, então, a tentativa de delinear as motivações encontradas, por esses três autores, que os conduziram a elaborar uma imagem desse Imperador. Heroificada ou demonificada, estas construções foram calcadas na experiência que cada um deles teve com o Príncipe Juliano, edificadas dentro de um contexto histórico específico, preenchendo lacunas da realidade, com suas incursões ao imaginário.

A historiografia do Baixo Império sobre o Imperador possui uma tendência em ressaltar sua apostasia, o que é notável entre os autores cristãos, como São Gregório de Nazianzo que demonstrou uma verdadeira ojeriza aos feitos de Juliano.

Gregório foi contemporâneo de Juliano na Escola de Atenas pelos idos de 350 e desde então, segundo o próprio<sup>3</sup>, percebeu sua incompatibilidade com o colega por possuírem tendências filosóficas opostas. Gregório dedicava-se à filosofia do Cristianismo, era um amante e um defensor

ardoroso da ortodoxia cristã, enquanto Juliano, como é sabido, um adepto incondicional do neoplatonismo.

Ao se tornar Imperador de Roma em 361, Juliano empreendeu diversas reformas administrativas, legislativas e religiosas e demonstrou seus interesses em fortalecer as bases do Império sob a égide de seus princípios neoplatônicos<sup>4</sup>. Cortou os privilégios dos clérigos cristãos e instituiu uma de suas leis mais polêmicas: a famosa lei sobre os professores, de 17 de junho de 362, contida no Códex Theodosiano, que proibia os mestres cristãos de lecionarem nas escolas (CTL. XIII, 3, 5). Esta lei foi interpretada como uma perseguição aos adeptos do Cristianismo, assim sendo, por tal motivo e outros que ainda serão identificados ao longo desta pesquisa, Gregório de Nazianzo escreveu *Contra Juliano*. Significam dois longos discursos, foco de nosso interesse de análise, extremamente críticos sobre as atitudes do Príncipe Neoplatônico, onde Gregório identificou a imagem de Juliano à de um instrumento de Satã, contra o progresso do Cristianismo, ou melhor dizendo, em oposição as bases da ortodoxia.

Gregório escreveu tais discursos, tudo leva a crer, durante o curto Reinado de Joviano, em 364-365 d.C., período em que os cristãos se encontravam mais aliviados, após a morte de Juliano, e quando o novo Imperador — Joviano — favoreceu os alicerces do Cristianismo e fez revogar a lei que proibia os cristãos de ensinarem nas escolas. Em suas orações, Gregório demonstrou sua cólera contra Juliano, delineando, em certa medida, as expressões de um meio: o de uma coletividade cristã que fez questão de minimizar as tão precisas ações julianinas no campo administrativo e legislativo, como por exemplo, as reformas instituídas em prol das cidades Imperiais. Gregório, durante o reinado de Juliano, por causas ainda imprecisas, não se manifestou. Talvez devido ao fato de seu irmão Cesário fazer parte do corpo de funcionários, escolhido pelo Príncipe Apóstata para auxiliá-lo no Governo do Império (Bernardi, 1983, p. 12).

Como São Gregório poderia defender um Príncipe que rechaçou o título de *Dominus*, porquê acreditava ser demasiado insultante para um povo que deveria ser educado na liberdade e cujo único dono deveria ser a lei? A lei, para o apóstata, seria algo que estaria acima do soberano, que não poderia admitir favoritismos. A lei, como expressou com autoridade “é a razão isenta do desejo” (Carta a Temístio, 260 D, 261 A-B-C). Com este pensamento, Juliano reprovou a idéia do governante ser o representante de Deus na Terra, atingindo aqueles que, como Gregório, sofreram as influências do pensamento de Eusébio de Cesaréia e outros autores cristãos que glorificaram a figura de Constantino. Imperador este que em 313 d.C., reconheceu o Cristianismo como uma religião legal. O *logus* de

Juliano, ou a sua razão, fundamentada em princípios aristotélicos, ofendia as estruturas do Cristianismo, ameaçando o poder da Igreja.

Libânio, por seu turno, evocou inventivas e glórias de Juliano, por ser seu amigo, filósofo neoplatônico e seu professor de Retórica. Apoiou as medidas deste Imperador principalmente as relacionadas à administração municipal, pois pertencia a uma família curial empobrecida. Era um ardoroso defensor da grandeza das cidades e, por conseguinte, das atividades curiais. Sua obra demonstra, na íntegra, os aspectos desoladores da vida municipal do século IV d.C.

Interessa-nos, em especial, a interpretação de seus “epitáfios a Juliano”; são estes, a saber: *Endereço a Juliano* — datado de julho de 362 d.C.; *Ao Imperador Juliano como Consul* — de janeiro de 363 d.C.; *Embaixada para Juliano* — de março de 363 d.C. e *Aos Antioquianos, sobre a raiva de um Imperador*. Estes quatro discursos, como pode se perceber, foram escritos enquanto o Imperador estava vivo, antes de Juliano participar e morrer em uma das famosas batalhas contra os inimigos hereditários do Império Romano: Os Persas.

Após a morte do Príncipe, Libânio dedicou-lhe mais três orações: *Monódia sobre Juliano*, escrita durante os anos de 364 e 365 d.C.; *Oração Fúnebre dedicada a Juliano*, em 365 e, finalmente, no transcurso dos anos de 378/379 d.C., *Vingando Juliano*. Esta última inserida no período em que denominamos de Renascimento Teodosiano (379-395 d.C.), época na qual vários escritores possuíram o intuito de escrever sobre os feitos dos Grandes Imperadores e a História de Roma. Como infere Normam (1969, p. XV), em “A vida de Libânio”, tal neoplatônico poderia ser dogmático e até impertinente, porém, permaneceu consistente e austera-mente devoto à prática de sua filosofia religiosa, entusiasticamente leal à sua profissão e, deste modo, à memória de Juliano na qual ele encorporou o seu ideal helênico e que continuou sendo para ele, uma sempre-presente inspiração. Era uma forma de defender não só seus ideais e parâmetros de vida, como, também, daqueles que representavam uma corrente oposicionista ao triunfo do Cristianismo.

Por último, inspiramo-nos em Amiano Marcelino que é identificado como um autor pagão, embora não se encontre em sua obra, críticas acirradas ao cristianismo. É outra fonte de suma importância que registra os feitos históricos de Juliano. Tal obra, porém, pode ser considerada a mais equilibrada das três fontes aqui apresentadas. Segundo Momigliano (1993, p. 121), pode-se nele confiar plenamente quando reflete as categorias de pensamento de seu tempo ou expressa normas de comportamento, estados de ânimo e as paixões de sua época. Foi uma testemunha ocular

das ações políticas e militares de Juliano. Em toda sua obra, denominada *Res Gestae*, em especial os livros enumerados de XIV a XXV, demonstra uma admiração e um respeito calorosos pelo Príncipe, considerando-o mesmo o maior Imperador herói das últimas décadas do século IV d.C. Era de Antioquia e escreveu sua obra, a partir de 379, período este identificado como já nos referimos de “Renascimento Teodosiano”. Mas, apesar de louvar as inúmeras mudanças empreendidas por Juliano, como as imposições de tributos leves e o indulto coronário, não deixou de criticar algumas medidas do Príncipe como a proibição aos gramáticos e retóricos cristãos de lecionarem nas escolas (Amiano, XXII, 10); a idéia de reconstruir o templo de Jerusalém para demonstrar que os cristãos estavam errados (Amiano, XXIII, 1) e até mesmo a lei do Imperador (CTL. XII, I, 52) sobre os residentes estrangeiros, os quais eram Decuriões em suas cidades de nascença, que deveriam ser chamados às Cúrias.

Através do exposto, pode-se concretizar algumas hipóteses sobre a análise das três narrativas aqui identificadas. Os três autores conciliam suas tradições morais às suas preocupações existenciais, buscando no culto a um Imperador de passado glorioso — figura heróica ou demonificada — suas formas de agir e de comportamento, marcando suas posições perante uma época de transição como foi o século IV d.C. Época conturbada politicamente, identificada, também, como um período em que ocorreram migrações e invasões bárbaras, conflitos entre o Cristianismo e o Paganismo, afora as querelas ocorridas entre as diversas correntes cristãs.

Até que ponto pode-se identificar os fatos relatados pelos autores, com a realidade presente da época do Imperador Juliano?

Todos os autores mencionados elaboraram uma imagem de Juliano sob tendências determinantes de condições e tradições históricas. Preencheram um espaço imaginário onde as análises da pessoa e das ações de Juliano, realizadas à luz da emoção e da sensibilidade tornaram-se um mito. O que significa, entre outras coisas, que na estrutura dessas narrativas, tanto em sua forma como em seu conteúdo, a mensagem transmitida deveria, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código do imaginário ou da memória que foi elaborada.

Apontamos, então, alguns caminhos que podem ser utilizados para se interpretar e comparar as narrativas destes autores. Faz-se necessário buscar os determinantes que os levaram a construir uma imagem deste Imperador, como herói ou demônio, utilizando-se de estereótipos presentes na memória social da cultura do século IV d.C.

As narrativas de Gregório, Libânio e Amiano Marcelino estão repletas de informações que nos transmitem a vastos conflitos que devem

ser elucidados com cautela. A utilização da imagem de um Imperador do passado, para legitimar os anseios e as angústias do momento presente vivido por estes autores, deve ser entendida como um veículo de compreensão de uma dada realidade.

Na verdade, os três autores edificaram um mito. Elaboraram a memória de um personagem que chegou até os nossos dias atuais remetendonos a um diálogo constante de nossa realidade com o passado histórico de Roma do século IV d.C.

### **Bibliografia**

#### *Fontes*

AMIANO MARCELINO. *Histoire. Livres XIV-XIX*. Texte établi et traduit par Édouard Galletier e Guy Sabbah. Paris: Les Belles Lettres 1968-1970. 2t.

AMIANO MARCELINO. *Histoire. Livres XX-XXVIII*. Texte établi et traduit par Juan Deseado Nisard. Paris: F.D.I., 1860.

GRÉGOIRE DE NAZIANZE. Discours 4-5. *Contre Julien*. Introduction, Texte critique, traduction et notes par Jean Bernardo. Paris: Les Éditions du Cerf, 1983.

LIBANIUS. Selected works: *The Julianic Orations*. With an English Translation, Introduction and notes by A. F. Norman. London Willian Heinemann LID. Harvard University Press, 1969.

ALFÖDY, Geza. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

ANKERSMIT, F. R. *History and Tropology*. The rise and fall of Metaphor. Los Angeles: University of California Press, 1994.

BERNARDI, Jean. "Un Regard sur la vie étudiante à Athènes au milieu du IV<sup>e</sup>. siècles après J.C". *REG*. Revie des Études Grecques. Paris, Les Belles Lettres, janvier-juin, 1990, p.79-94.

BERNARDI, Jean. "Remarques sur le Texte et L'Interpretation de quelques passages des Discours 42 et 43 de Grégoire de Nazianze". *REG*. Tome 109, janvier-juin, 1996, p.275-281.

BONFANTE, Larissa Warren. "Emperor, God and Man in the IV Century. Julian the apostate and Ammianus Marcellinus". *La Parola del Passato*. Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, fascicolo XCIX, p.401-427, 1964.

- BOTTÉRO, Jean, MORRISON, Ken et alii. *Cultura, pensamento e escrita*. São Paulo: Ática, 1995.
- BROWN, Peter. *Power and Persuasion in Late Antiquity: Towards a Christian Empire*. Madison: University of Wisconsin Press, 1992.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. *O mundo como teatro: Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa: Difel, 1992.
- CADIOU, R. Le Problème des Relations Scolaires entre Saint Basile et Libanios. *REG*, LXXIX, nºs. S 374/375, p.89-98.
- CAILLOS, Roger. *O mito e o homem*. São Paulo: Edições 70, Perspectivas do Homem, 1972.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder e o mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O herói das mil faces*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CARVALHO, Margarida Maria de. "Código Legislativo em Juliano: Cúrias e Decuriões". *PHOÏNX*. Laboratório de História Antiga. UFRJ. Sete Letras, 1996, vol.2, p.169-192.
- CARVALHO, Margarida Maria de. "A Heroificação do Imperador Juliano no relato de Amiano Marcelino". *LPH. Anais do X Encontro Nacional de História*. AMPUH -MG, Mariana, 1996, p.159-164, vol.6.
- FESTUGIÈRE, A. J. "L'Autobiographe de Libanius". *REG*, LXXVIII, 1965, nº S 371-373, p.623-634.
- FONTAINE, Jacques. "Ammien Marcellin, historien romantique". *BAGB. Bulletin de L'Association Guillaume Budé*. Paris, v.28, 1969, p.417-435.
- FOWDEN, Garth. "The Pagan holy man in late antique society". *JHS. Journal of Hellenic Studies*. London, v.102, 1982, p. 32-59.
- FURET, François. *A oficina da História*. Lisboa: Gradiva, s.d.
- GALLAY, Paul. "Liste des Manuscrits des Lettres de Saint Grégoire de Nazianze". *REG*, LVII, 1944, p.106-124.
- GIRARDET, Raul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- GUARINELLO, Norberto L. "Memória Coletiva e história científica". *Revista Brasileira de História: Espaço Plural*, vol. 28, 1994, p.180-193.
- HAVELOCK, Eric A. *La musa aprende a escribir*. Barcelona: Paidós, 1996.
- HEYEN, H. "À propos de la conception historique d' Ammien Marcellin". *Latomus*. Revue d'études latines. Bruxelles, Soc. Latomus, fasc. 1, janvier-mars, 1968, p.191-196.
- HOOK, Sidney. *O herói na História*. Rio de Janeiro: Edições 70, Perspectivas do Homem, 1972.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1994.
- MARROU, H. I. *Décadence Romaine ou Antiquité Iardive*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.
- MATTEWS, John. *Western Aristocracies and Imperial Court A.D. 364-425*. Oxford: Clarendon Press, 1975.
- OLSON, David R., TORRANCE, Nancy. *Cultura, escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso, Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.

### Notas

<sup>1</sup> Comunicação apresentada na XI Semana de História da UNESP-FRANCA, em outubro de 1996, com o título "Algumas Visões da Historiografia do Baixo Império Sobre as Ações do Imperador Juliano: Amiano Marcelino, Libânio e São Gregório de Nizianzo.

<sup>2</sup> Registro aqui minha dívida de gratidão com o amigo André Leonardo Chevitaes, e que trouxe da École Française d'Athènes as fontes referentes a Libânio e São Gregório de Nazianzo.

<sup>3</sup> Lettre 5, 23-24.

<sup>4</sup> Para maiores explicações ver: CARVALHO, Margarida Maria de. *Análise da Legislação Municipal do Imperador Juliano: Cúrias e Decuriões*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1995. Dissertação (Mestrado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1995.